

A CRIANÇA COM TEA E O SEU PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM¹

THE CHILD WITH ASD AND THEIR TEACHING AND LEARNING PROCESS

Camila Pereira Santos Andradeⁱ

RESUMO: Essa pesquisa teve como objetivo compreender o processo pedagógico que envolve crianças com autismo inseridas na sala de aula da Educação Infantil de uma escola pública a partir da percepção das professoras dessas crianças. A fundamentação teórica baseou-se nos autores: Ana Sofia Couto Ferreira e Antônio Eugênio Cunha. A metodologia foi a abordagem qualitativa e a técnica para a coleta de dados foi uma entrevista realizada com duas professoras do Centro Municipal Infantil no ano de 2023. Os resultados apontam que as professoras pesquisadas promovem a aprendizagem dos alunos com TEA com práticas educacionais inclusivas o que contribui com o ensino e aprendizagem das dos alunos com autismo.

Palavras-chave: Inclusão. Autismo. Professoras. Práticas educacionais.

ABSTRACT²: This research aimed to understand the pedagogical processes involving children with autism in an Early Childhood Education classroom at a public school, from the perspective of their teachers. The theoretical foundation drew on the works of Ana Sofia Couto Ferreira and Antônio Eugênio Cunha. The qualitative and technical approach methodology for data collection was an interview carried out with two teachers from the Municipal Children's Center in the year 2023. The results indicate that teachers

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “AS DIMENSÕES PEDAGÓGICAS E A EDUCAÇÃO INFANTIL: o lugar da criança com TEA e o seu processo de ensino-aprendizagem”, sob a orientação da Profa. Dra. Ivone Jesus Alexandre - Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2024/1.

² Resumo traduzido por Juliane Costa de Almeida. Licenciada em Letras – Inglês – pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMA), Câmpus de Tangará da Serra, 2006.

E-mail: julianecostalmeida34@gmail.com.

implement inclusive educational practices to support the development of children with Autism Spectrum Disorder (ASD).

Keywords: Inclusion. Autism. Teachers. Educational Practices.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é caracterizado por comportamentos que se dividem em uma tríade principal: desvios qualitativos na linguagem, desafios na interação social e padrões restrito-repetitivos (Cunha, 2018). Diante desse comportamento, é de suma importância saber como ocorre o processo de ensino-aprendizagem das crianças com autismo na educação infantil, visto que, na primeira

infância o cérebro está em fase de amadurecimento. Nesse sentido, essa etapa deve ser marcada por vivências afetivas, cognitivas e sociais, sendo esses aspectos fundamentais no desenvolvimento infantil.

Nessa perspectiva, o tema autismo na educação infantil justifica-se pela necessidade em compreender o processo de ensino-aprendizagem da criança com menos de 6 anos e pelo aumento de número de crianças com laudo de TEA chegando as escolas de educação infantil. O objetivo consistiu em verificar as ações pedagógicas que são desenvolvidas pelas professoras na sala de aula comum e na sala de Atendimento Especial Especializado (AEE), verificar a socialização das crianças com autismo durante o ensino e averiguar como as professoras percebem o comportamento das crianças com autismo na sala de aula.

A pesquisa tem como metodologia a abordagem qualitativa, através de uma pesquisa de campo, e a técnica para coletar os dados foi a partir de entrevista com duas professoras da educação infantil. A entrevista foi realizada no ano de 2023 no Centro Municipal Infantil.

2 SINGULARIDADES, A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E AS LEIS QUE GARANTEM A INCLUSÃO

O autismo é um transtorno que impacta o desenvolvimento global da criança, tornando-se assim, uma particularidade a maneira como ela percebe e entende o mundo ao seu redor, e isso pode gerar impasses no seu processo de ensino-aprendizagem e nos contextos sociais (Rosas e Lussolli, 2021).

A aprendizagem e o desempenho das crianças com autismo, conforme aponta Ferreira (2011, p. 31), incorre usualmente em quatro áreas: “a) comunicação; b) resposta social; c) processamento da informação; d) desenvolvimento das competências cognitivas”. Nesse sentido, algumas crianças com TEA precisam de um Atendimento Educacional Especializado (AEE) que envolva os educadores, gestão escolar, profissionais da área e da família para contribuir e desenvolver suas potencialidades.

Ou seja, uma equipe de diferentes áreas que possa acompanhar as crianças autistas visando melhorar o desenvolvimento, a interação e a qualidade de vida da criança com TEA (Beluco, 2021).

É importante, também mencionar o Plano Educacional Individualizado (PEI) como um instrumento essencial para a realização do planejamento e acompanhamento de desenvolvimento das crianças com alguma deficiência ou transtorno. Nesse sentido, de acordo com Matiazzi et al. (2024, p.5) “O PEI é personalizado para cada estudante da educação especial, sendo um documento contendo informações específicas sobre o seu atendimento especializado.”

Foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, no ano de 1996, em seu artigo 29, que estabeleceu uma nova lei sendo a educação infantil a primeira fase da educação básica, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento da criança até os seis anos de idade, abrangendo seus aspectos físicos, psicológicos, sociais e intelectuais, e complementando a participação da família e da sociedade.

Na seção II, da educação infantil, a LDB (1996, p. 11) endossa:

Art. 30. A educação infantil será oferecida em: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental

Nessa perspectiva, é importante mencionar, também, a Constituição Federal (CF) de 1988, que busca garantir o bem-estar de todos, sem distinção de origem, etnia, gênero, cor, idade ou qualquer outra forma de discriminação. E, no seguimento da CF, define-se, no artigo 205, que a educação é um direito de todos e tem como responsabilidade o Estado e a família, promovendo o exercício de cidadania e qualificação para o mercado de trabalho. No artigo 206, inciso I, enfatiza um fator importante como “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, sendo um dos princípios para o ensino e garantindo como dever do Estado a oferta do atendimento especializado preferencialmente na rede regular de ensino.

Dessa maneira, há uma garantia de inclusão escolar como previsto na Constituição (Brasil, 1988). De acordo com Ferreira (2011), ao mencionar Bautista (1997), o termo Necessidades Educativas Especiais (NEE) surge pela primeira vez no relatório de Warnock (1978), e essa definição considera que uma criança necessita de educação especial quando possui alguma dificuldade de aprendizagem que exige um suporte educacional diferenciado. Em resumo, isso significa que algumas crianças precisam de apoio pedagógico específico para melhorar seu desenvolvimento a cada dia.

Além disso, uma ação educativa voltada para a cidadania e para a construção de uma sociedade democrática e inclusiva deve, obrigatoriamente, incentivar o convívio com a diversidade, sendo uma característica fundamental da vida social no Brasil. Pois, essa diversidade não abrange apenas as

diferentes culturas, hábitos e costumes, mas também as habilidades e singularidades de cada ser humano (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998).

Dessa forma, De acordo com Cunha (2028, p.89), o principal objetivo da educação escolar deve ser o processo de aprendizagem, e não apenas os resultados, pois estes nem sempre surgem de forma rápida ou como desejado. É fundamental considerar o aspecto emocional do aluno, prestando atenção ao que realmente faz sentido e é útil para ele. Diante esse aspecto, o pesquisador afirma: “A escola que possui sala de recursos terá de desenvolver habilidades específicas. Todavia, a educação precisa ser vivenciada igualmente na sala comum, com os demais alunos”.

Frente ao exposto, conforme as autoras Costa, Zanata e Capellini (2018, p. 309). “É essencial desenvolver ambientes educacionais infantis que sejam inclusivos, estimulantes e adequados para o desenvolvimento pessoal, social e cognitivo de todas as crianças”. Considerando a educação infantil como um direito da criança, ela deve ser o foco central no ambiente educacional. Contudo, cabe aos educadores redescobrir a criança que existe dentro delas, estabelecer relações de escuta e reciprocidade com as crianças e refletir diariamente sobre essas interações. Portanto, os educadores devem organizar oportunidades para aprendizagens, compartilhando experiências e histórias únicas (Kramer, et al, 1999, p. 173).

É importante compreender que a criança com autismo passa a ter relação singular com tudo que é externo, ou seja, fixa-se em rotinas, pois trazem segurança. Dependendo da criança, sua interação com as pessoas, até mesmo com seus familiares, pode ser limitada, pois geralmente a criança pode encontrar problemas na cognição, podendo refletir na sua fala, na escrita e outras áreas (Cunha, 2018). De acordo com Alexandre *et al* (2024) é a escola deve conduzir ações e eventos de modo que a inclusão ocorra com o real intuito de produzir sentimento de pertencimento ao processo educativo às crianças com TEA, e neste contexto, a educação de estudantes com autismo se configura de fato e isso é um desafio para o professor devido as características específicas do TEA.

Em seus resultados, Oliveira (2017, p. 16) aponta que “É preciso que os professores acolham seus alunos durante esse processo, sempre respeitando suas particularidades e seus receios, garantir seu espaço, proporcionar e eles um ambiente de proteção e confiança (...)”. De acordo com Cunha (2018), cada criança tem sua forma única de aprender, assim, as informações nem sempre geram conhecimento, pois, os objetos não atraem pela sua função, e sim, pelo estímulo que pode oferecer. Desse modo, é fundamental que a educação seja focada no ser humano e não na patologia, considerando um currículo que envolva as concepções de déficit e que a práxis pedagógica possam proporcionar uma experiência educacional significativa. (Cunha, 2018)

3 CAMINHOS PERCORRIDOS: A METODOLOGIA

A pesquisa é de abordagem qualitativa e enfatiza a subjetividade, utilizando uma abordagem discursiva e análise de estudos de caso, como a revisão de literatura. Também utiliza do discurso dialético na escrita, uma vez que sua teoria é desenvolvida de maneira interpretativa, adotando uma postura hermenêutica. Assim, os significados são compreendidos a partir da consciência dos participantes no contexto do estudo e da pesquisa (Machado, 2023).

A coleta de dados foi realizada através de uma entrevista, onde o entrevistado fala livremente sobre o tema exposto ao decorrer do diálogo, porém, mesmo não havendo uma ordem definida, é importante que o entrevistador tenha um objetivo, para que assim, a entrevista tenha um resultado coerente.

A pesquisa foi realizada em um Centro Municipal Infantil, na cidade de Sinop-MT. Através do Estágio Curricular Supervisionado II (E.I. 3 e 4 anos), surgiu a oportunidade de se conhecer e contemplar a pesquisa na instituição. Um fator importante foi a turma de pré-fase II, pois o número de crianças laudadas com TEA era significativo, e foi interessante saber como é o estudo das crianças na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Para a realização da entrevista, buscou-se o contato com a professora regente da turma pré-fase II, graduada em Pedagogia, especialização em Educação Infantil e Alfabetização, com mestrado na linha de formação de professores e Políticas Públicas e a professora do AEE, graduada em Pedagogia, com pós em metodologia do ensino de Artes e Educação Especial da sala do AEE. Portanto, ambas foram solícitas, responderam a entrevista que foi realizada em uma manhã na própria instituição. As mesmas ressaltaram a importância da pesquisa sobre o TEA. E, para proteção da identidade das mesmas, ambas serão identificadas no texto como Professora (A), regente da turma, e Professora (B), professora do AEE.

4 EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS PROFESSORAS SOBRE AS CRIANÇAS COM TEA

A priori, quando é dito a respeito do ensino-aprendizagem sobre criança com autismo no ensino infantil, é necessário incluí-la no espaço educacional, por muitas das vezes a criança não se sente confortável, devido as suas limitações, e tem-se uma resistência para socializar, é preciso utilizar práticas de inclusão. Diante disso, a primeira questão foi saber quais são as ações de inclusão que o professor(a) mobiliza nas práticas educativas da criança com TEA. De acordo com a professora (A):

(01) Professora (A): Na verdade, como nós estamos com bastante alunos, TEA em sala, nós utilizamos diferentes práticas de inclusão. Uma das práticas muito utilizada e também utilizando dos eixos norteadores dentro da educação infantil, que é as interações e brincadeiras, a gente busca propor bastante atividade onde essas crianças possam interagir nos espaços externos com os seus colegas. Porque a maioria deles tem bastante dificuldade de interação, então há essa necessidade de utilizar desses espaços do brincar, para que eles tenham essa interação com mais facilidade.

Quando a professora (A) relata sobre utilizar os espaços do brincar para facilitar a interação da criança com TEA na sala de aula. Silva (2022, p. 38) ao mencionar Araújo (2019) pondera que “a experiência do brincar da criança com autismo torna-se uma significativa ferramenta para conhecer a si mesma e sobre o mundo de forma mais autônoma”

Nesse contexto, é necessário que a professora (A) utilize de estratégias para auxiliar no processo de aprendizagem de cada criança. Desse modo, questionou-se quais estratégias a professora desenvolve com a criança atípica(o) para seu ensino aprendizagem. Conforme a professora (A):

(02) Professora (A): As estratégias, mesmo trazendo a questão da interação e das brincadeiras para que essa criança possa ter essa socialização com maior facilidade, mas também a gente usa de estratégias de organização de pequenos grupos dentro da sala, para que esse aluno tenha uma facilidade de interagir dentro desse pequeno grupo, até mesmo de interagir os seus conhecimentos com os demais, porque uma boa parte desses alunos também tem um cognitivo muito avançado, além das outras crianças. Então é preciso utilizar desse grau cognitivo que eles já conseguiram desenvolver também para que eles possam contribuir dentro desse pequeno grupo.

A professora (A), relata sobre uma de suas estratégias, como o brincar e a divisão de pequenos grupos dentro da sala de aula, para que facilite a questão da socialização entre as crianças. Diante o exposto, (Silva 2022, p. 38) ao mencionar Salles (2018) revela “a importância de investir nas interações com a criança e na sistematização das mediações pedagógicas direcionadas a ela por meio de atividades lúdicas.” Em vista disso, a brincadeira é considerada um aspecto que fortalece e enriquece as relações entre os indivíduos, e é importante que se tenha uma intervenção pedagógica planejada, com o intuito de integrar de maneira significativa a criança com autismo nas atividades em grupo (Silva, 2022).

Além disso, é importante compreender como funciona às atividades desenvolvidas pela professora(a) do AEE. Portanto, tem-se o seguinte questionamento: como o professor(a) do AEE organiza às atividades direcionadas para a criança com TEA. Dito isso, a professora (B) respondeu:

(03) Professora (B): Antes de eu iniciar no AEE quase não tinha crianças. Em um ano só, que foi em 2019, que eu tive um aluno com TEA. E eu não tinha muita experiência, né? Porque tinham poucas crianças, agora está tendo bastante. E depois que eu iniciei no AEE que eu comecei a identificar mais quais são as características deles, quais são as necessidades deles. E a gente vai estudando mais, a gente tem mais formações. E com isso a gente vai aprendendo mais, e também com as experiências e novos atendimentos na sala.

A professora (B), ressaltou um ponto significativo sobre a importância de conhecer as necessidades e as características de cada criança, e comentou sobre a continuação de formação de professores, ou seja, é sempre relevante que os professores estejam pesquisando e se atualizando sobre o TEA. Nesse sentido, cada criança é única, e é essencial observar suas singularidades, incluindo a forma como ela percebe o mundo, seus interesses suas dificuldades, comorbidades, desenvolvimento linguístico, pensamentos e a maneira como reage e lida com frustrações e desafios (Souza et al, 2022). E evidenciando o papel do professor, Corrêa et al. (2021, p. 67) pontuam “Um professor preparado para lidar com as necessidades específicas de crianças com TEA pode proporcionar uma educação de qualidade, facilitando sua integração na comunidade.”

Sob essa ótica, a escola possui uma sala do AEE, onde a professora (B) organiza atividades direcionadas para crianças com TEA. Dessa maneira, questionou-se também como funciona a elaboração do planejamento para às crianças que estudam no AEE. A professora (B) argumentou:

(04) Professora (B): No início do ano a gente faz um plano anual de atividades que vão ser aplicadas para a criança no decorrer do ano. A gente tem ali os primeiros dias de aula, a gente faz algumas atividades com as crianças e a gente vê quais são as dificuldades da criança. E diante dessas dificuldades a gente elabora o plano anual e no decorrer do ano a gente faz o planejamento, que é quinzenal, das atividades que vão ser aplicadas para a criança da creche, então a gente atende individual, uma criança por vez.

A professora (B) se referia ao PEI, que de acordo com Pereira e Nunes (2018 citado por Silva, 2022, p. 5) é “(...) concebido como um mapa educacional, o PEI descreve, essencialmente, o nível atual de desempenho do aluno e os objetivos educacionais de curto e de longo prazo, pareados com o currículo destinado ao ensino regular. (...)”. Dessa forma, questionou-se quantos dias na semana às crianças estudam na sala do AEE. Segundo a professora (B), ocorre da seguinte maneira:

(05) Professora (B): São 4 horas semanais, dividido em 2 atendimentos. Só que como o número de crianças está bastante, então a gente está atendendo uma vez na semana com 2 horas de atendimento. Ocorrendo uma vez na semana, 2 horas. Mas é para ser ofertado 4 horas, né? 4 horas semanais, que são divididas em 2 atendimentos. Então eles vêm 2 vezes na semana, com 2 horas de atendimento.

Paralelo a isso, na sala comum a professora (A) relata sobre como funciona o processo de adaptação das atividades a partir do questionamento: É necessário adaptar as atividades para o aluno com TEA? A professora (A) relata:

(06) Professora (A): Há uma necessidade de adaptação, mas que fique claro que essa adaptação, não são atividades diferentes para cada aluno TEA, e sim as estratégias que você vai utilizar para com aquela atividade

A professora (A), relata sobre a questão de adaptação, e enfatiza que no seu caso, essas adaptações não são atividades diferentes para cada aluno, e sim em relação as suas estratégias para realizar as atividades. Dito isso, de acordo com Ferreira e Silva (2024, p. 5) “Para alunos com TEA, adaptações curriculares são essenciais para atender necessidades individuais, fornecendo apoio nas áreas de desafio, sem alterar os conteúdos comum regulares”.

Os desafios encontrados no mundo educacional são plurais, assim também, como conhecimentos adquiridos ao longo desse processo, a despeito disso, a docente (A) relata sobre sua

experiência com às crianças atípicas e de como esse ensino enriquece sua bagagem profissional, expondo:

(07) Professora (A): Todas as experiências dentro do processo educativo trazem muito conhecimento para o profissional, ou seja, é parte da sua construção de formação profissional, é claro que todos os alunos atípicos, eles vão te trazer uma bagagem rica. Ele vai fazer com que você busque uma autoformação para compreender como trabalhar com eles, e dentro desse processo de busca de autoformação e da prática de lidar com eles, de estar trazendo isso para o trabalho com esses alunos, você vai perceber que você teve conhecimentos ali que você nunca pensou em buscar naquele momento, porque não havia necessidade, então o importante é o professor estar sempre atento para a busca desses conhecimentos.

Em síntese, conforme o comentário da professora (A), nota-se que é importante que os professores busquem estar sempre pesquisando, estudando sobre o TEA, para compreender as necessidades de cada criança e adaptar suas estratégias de ensino, tornando assim, uma educação inclusiva. Diante disso, (Rosas e Lussolli, 2021) apontam que educar e aprender com crianças com TEA, implica em uma relação de interdependência que demanda uma abordagem inovadora e flexível no ensino, pois isso envolve novas práticas, estratégias e recursos que contribuíam no desenvolvimento da criança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É válido pontuar que, ao falar sobre o tema do processo de ensino-aprendizagem de criança com autismo na educação infantil, são inúmeras as condições existentes nesse processo: a dificuldade de interação, desvios qualitativos na linguagem, padrões repetitivos e cognição. E ressaltando, também a inclusão da criança nesse ambiente, sendo na educação infantil o início da convivência com a diversidade.

Além disso, nota-se a importância sobre as políticas públicas bem formuladas voltadas para a formação inicial e continuada dos professores que envolva o tema autismo, devido à alta demanda de crianças com TEA nas escolas. Pois, a educação é um alicerce fundamental no desenvolvimento da criança com TEA.

Torna-se evidente, portanto, a importância e a continuação dos estudos relacionado ao TEA, visto que, nos dias atuais, ainda é comum a persistência dos estereótipos, da desinformação, o desrespeito e o preconceito perante a sociedade civil. Há necessidade de superar esses estigmas através de estudos científicos e de lutas por seus direitos.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Ivone Jesus; TRUGILLO, Edneuzza Alves; PROSCÊNCIO, Patrícia Alzira. Tem um aluno autista na minha sala! - desafios da educação inclusiva no curso de Pedagogia da Unemat de Sinop. **Revista Educação e Emancipação**, v. 17, n. 1, p. 88–106, 31 mar. 2024. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/21048>. Acesso em: 28 out. 2024.
- BRASIL, [Constituição (1998)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 out. 2024.
- BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. [Diário Oficial da União de 23/12/1996]. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/551270/publicacao/34619663>. Acesso em: 20 out. 2024.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto**. Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.
- CORRÊA, Júlio Cesar da Silva. DRACOCE, Marlete. **Autismo: TEACHH como ferramenta metodológica e recurso de ensino e aprendizagem**. 1ª ed. Sinop - MT: Ações Literárias, 2021.
- COSTA, F. A. de S. C., ZANATA, E. M., & CAPELLINI, V. L. M. F. (2018). A educação infantil com foco na inclusão de alunos com TEA. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, 10(21), 294–313. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/592>. Acesso em: 1 out. 2024.
- COSTA, Natália Miotto; SANTOS, Paula Ribeiro dos; BELUCO, Adriana Cristina Rocha. A importância da equipe multiprofissional de crianças diagnosticadas com TEA. In: ALMEIDA, Flávio Aparecido de. **Autismo: avanços e desafios**. Guarujá: Editora Científica Digital, p. 27-44, 2021. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/210705226.pdf>. Acesso em: 25 set, 2024
- CUNHA, Antonio Eugênio. **Práticas pedagógicas para a inclusão e diversidade**. Rio de Janeiro: Wak Editora. 7. ed, 2018.
- FERREIRA, Ana Sofia Couto - **Uma criança com perturbação do espectro do autismo: um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Especialização em Educação Especial. Porto: [ed. autor], 2011. 128 f. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/800>. Acesso em: 9 out. 2024.
- FERREIRA, Andressa Carla Gonçalves; SILVA, Josiane Almeida Da; Recursos estruturados para favorecer a inclusão e a aprendizagem de estudantes com transtorno do espectro do autismo (TEA). V **jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva**, 2024. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2024/TRABALHO_COMPLETO_EV196_MD4_ID1240_TB559_02072024090541.pdf. Acesso em: 20 set. 2024.
- KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel; NUNES, Maria Fernanda; GUIMARÃES, Daniela. **Infância e Educação Infantil**. Campinas -SP: Papyrus, 1999.

MACHADO, J. R. F. (2023). Metodologias de pesquisa: um diálogo quantitativo, qualitativo e quali-quantitativo. *Devir Educação*, 7(1), e-697. Disponível em:

<https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/697>. Acesso em: 17 set. 2024.

MATIAZZI, Shellen De Lima; LOUREIRO, Simone Nascimento; ANA LÚCIA SODRÉ OLIVEIRA, Ana Lúcia Sodré. Avaliação da Aprendizagem de Crianças Atendidas pela Educação Especial na Educação Infantil. *Revista Educação Especial em Debate*. Vitória, v. 9, n. 17, jan./jun. 2024. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/reed/article/view/45032/30427>. Acesso em: 10 out. 2024.

OLIVEIRA; Fernanda Luiza Ferreira de. A criança Autista na Educação Infantil. *Revista Eventos Pedagógicos*, Sinop, v. 8, n. 2 (22. ed.), p. 779-796, ago./dez. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/10007/6444>. Acesso em: 20 out. 2024.

ROSAS, R. DA S.; LUSSOLLI, A. M. Ensino-Aprendizagem da criança com TEA, o papel da escola e do professor - uma pesquisa luso-brasileira. *Aquila*, v. 1, n. 24, p. 199-216, 14 jan. 2021. Disponível em:

<https://ojs.uva.br/index.php/revista-aquila/article/view/155>. Acesso em: 3 out. 2024.

SILVA, Aline Monteiro da. **Avaliação do Protocolo VB-MAPP para a construção do PEI de uma criança com TEA no Ensino Infantil**. Monografia (Especialização em Educação Especial e Inclusão Socioeducacional). - Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Belém, PA, 2022. Disponível em:

<https://bdta.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/2581>. Acesso em: 09 set. 2024.

Recebido em: 6 de novembro de 2024.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2024.

<https://doi.org/10.30681/reps.v15i3.13171>

ⁱ **Camila Pereira Santos Andrade**. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2024/2. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6240160304926258>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8164-1677>

E-mail: camila.andrade@unemat.br